

# Entre a tradição e a modernidade, uma parteira: um percurso de leitura do conto “Santíssima”, de Paulliny Tort

Luiza Ferreira Aksenen<sup>1</sup>

Universidade Federal do Paraná

Guilherme Stadler Penteadado<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** Neste artigo, o conto “Santíssima” de Paulliny Tort é analisado, explorando suas temáticas e narrativas. Contextualiza-se a obra em seu panorama literário, seguido de uma análise no gênero fantástico, indicando como a trama resgata estilos de vida opostos à urbanização progressiva, com ênfase nas observações de David Roas (2014). O foco é direcionado às raízes culturais, destacando a medicina tradicional e sua representação no conto. A interpretação feminina é também examinada, revelando como a parteira reflete a imagem da mulher no Brasil rural e como o conto desafia tal representação. O trabalho une literatura, cultura tradicional e debates de gênero.

**Palavras-chave:** Paulliny Tort. Fantástico. Medicina tradicional. Cultura rural. Feminismo.

## *Between Tradition and Modernity, a Midwife: A Reading Journey through the Short Story ‘Santíssima’ by Paulliny Tort*

**Abstract:** In this article, the short story “Santíssima” by Paulliny Tort is analyzed, exploring its themes and narratives. The work is contextualized within its literary landscape, followed by an analysis in the fantasy genre, indicating how the plot revives lifestyles opposed to progressive urbanization, emphasizing the observations of David Roas (2014). The focus is directed to cultural roots, highlighting traditional medicine and its representation in the story. The feminine interpretation is also examined, revealing how the midwife reflects the image of women in rural Brazil and how the story challenges such representation. The research bridges literature, traditional culture, and gender debates.

**Keywords:** Paulliny Tort. Fantastic. Traditional medicine. Rural culture. Feminism.

### 1. Histórias do Cerrado; Histórias do Agro: apresentação do livro *Erva Brava*, de Paulliny Tort, e do conto “Santíssima”:

O objetivo deste trabalho é apresentar um percurso de leitura do conto “Santíssima”, de Paulliny Tort, publicado em 2021 no livro *Erva Brava* pela autora brasileira junto à Fósforo Editora. O conto nos é interessante porque traz como protagonista uma mulher de idade indefinida que assume, no contexto da narrativa, a função social de ser uma

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (PPGL/UFPR). E-mail: aksenenluiza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9022-6998>

<sup>2</sup> Mestrando em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (PPGL/UFPR). E-mail: guilhermestadlerpenteadado@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8388-8494>

curandeira, uma parteira, e uma aborteira. Em razão disso, é frequentemente vista de um modo místico, fantástico, e por vezes é hostilizada, tida como bruxa, e mesmo ameaçada de morte. É nossa intenção demonstrar como, em nossa leitura, alguns elementos fantásticos presentes no texto abrem a possibilidade de verificar o trato da autora com diversas dicotomias, todas amalgamadas/representadas pela protagonista do conto: a vida rural cooptada pelo agronegócio; a medicina tradicional contraposta à medicina da urbe e das universidades; e o homem em relação à mulher. Para nós, o conto ilustra um elemento contido no livro todo: a sugestão de que, em nome do progresso, em nome de um único estilo de vida padronizado, se oprime pessoas e se apaga modos alternativos de vida.

Antes, é preciso situar “Santíssima” no todo de *Erva Brava*, uma coletânea de doze contos, os quais têm alguma unidade: todos se passam no centro ou no entorno da cidade fictícia de Buriti Pequeno; ou, como acusa Itamar Vieira Júnior na orelha da primeira edição (TORT, 2021), as histórias se passam no cerrado brasileiro. Todos os contos parecem ocorrer em um período próximo ao da publicação do livro, como indicam alguns elementos tecnológicos, como caixas de som instaladas na praça em que se passa o conto “Carne de paca”, ou o título do conto “Titan 125”, referindo-se ao modelo de motocicleta da marca Honda. Tão importantes quanto tais elementos são alguns marcadores sociais, como um aspecto epidêmico de uso de entorpecentes, destacado no primeiro conto, “Ternura e Crack”. Trata-se, então, de um texto contemporâneo que se passa num tempo-espço contemporâneo.

Para além dos elementos da estória, a estruturação narrativa do livro é elemento controlado com esmero por Tort para dar coesão à unidade temática: dos doze contos, dez são narrados em terceira pessoa; um deles, o conto “Má sorte”, é narrado em segunda pessoa; e tão somente o conto “Santíssima”, objeto de nosso trabalho, é narrado em primeira pessoa. Além disso, a autora já afirmou em entrevista ao periódico Estado de Minas que buscou “olhar para as transformações que a região tem atravessado nas últimas décadas, por meio de personagens inspirados em pessoas de carne e osso com as quais convivi” (Tort, 2023), demonstrando que há evidente amarra, e evidente processo consciente de escolha, entre o que é narrado e como tudo é narrado. Ainda, em entrevista a Rodrigo Casarin, a autora afirma que “o agro é mais morte do que pop” (Podcast Página Cinco #122, 2022), destacando outro elemento que perpassa todo o livro, e que já sugerimos acima: a relação do agronegócio, representante de progresso, de tecnologia, com uma vida rural. A narrativa, a um só tempo, é representativa de uma tradição, mas também lembrete da existência de que há outros, os “de fora”, que são cooptados por um sistema, ou por eles enxertado.

“Santíssima” se passa nos ermos arredores rurais de Buriti Pequeno, e é o único conto narrado em primeira pessoa. A protagonista sem nome, embora declare não ser versada em conhecimentos vindos de livros, tem uma sabedoria popular, e sente uma inexplicável quentura, como que o chamado divino de uma missão: ajudar as mulheres com quem convive. Além de ser uma companheira para essas “comadres”, seu ofício de cura tem dois principais serviços: parir e abortar as crianças. Uma dessas mulheres, Vitória, que vive em situação de violência doméstica, está grávida de sua décima terceira criança; seu esposo, também sem nome, desgosta da curandeira, acreditando que ela faz uso de sua condição de parteira para botar rebeldia na cabeça das mulheres (Tort, 2021). O breve conto, então, é composto por digressões da parteira sobre seu ofício, principalmente sobre a situação de Vitória, e toca na opressão sofrida pelas mulheres, especialmente em contextos rurais, trata, também, de questões como o esquecimento de quem vive em áreas campestres em favor de quem mora na (e vive sob a lógica da) urbe. A protagonista parteira/aborteira (por si só uma dicotomia) recebe um aspecto de imaginário popular, a ponto de ser vista pela comunidade local também como uma feiticeira ou uma bruxa, sendo associada ao diabo:

O marido da Vitória andou dizendo que a vó apanhava criança como desculpa para entrar nas casas e enfiar rebeldia na cabeça das mulheres, a mando do diabo. Depois que a vó morreu, passou a dizer isso de mim. Já até me ameaçou com espingarda, o imundo (Tort, 2021, p. 47).

Na leitura que estamos propondo do conto, a figura da protagonista representa, ao assumir este papel de bruxa, uma contestação à hegemonia de saberes medicinais científicos (caminhantes, na estrada do progresso, lado a lado da tecnologia do agronegócio), propondo a medicina tradicional e contestando, também, a hegemonia do masculino, presente ainda no mundo todo, mas com especial envergadura em pequenas comunidades rurais. Isto tudo é feito primeiro pelo estabelecimento de algum aspecto fantástico no conto, como veremos.

A leitura que propomos visa seguir o exemplo da autora e de sua protagonista. Buscamos discutir a perspectiva que se tem de uma literatura brasileira tida como fantástica, ou participante da corrente do realismo maravilhoso: os misticismos da literatura brasileira são, afinal, fantasia para qual ponto de vista?

## 2. O fantástico do cotidiano

Como que uma linha de costura de todo o conto, há em “Santíssima” um subtexto indicando algo de sobrenatural na trama. Para além do já citado trecho em que a protagonista é associada ao diabo, dado o aspecto de feitiçaria que atribuem a seu mister, em outros excertos também consta esse elemento fantástico:

Como sei escutar os suspiros das comadres, as palavras de cansaço, os gritos delas nos descampados. Aqui, nessas distâncias, as mulheres falamos com os passarinhos, com os bois, com as porcas, bichos de curral. As pessoas estão muito longe, à casa mais próxima não se chega sem caminhar um bocado, sem atravessar pedra, pó e estrada. Mas, quando as comadres chamam, eu vou. Não tem explicação, é uma quentura que sinto por dentro, bem aqui, no peito. A vó dizia que o nome da quentura era missão (Tort, 2021, p. 46)

Destaquemos, aqui, a quentura, um chamado inexplicável apontando a alguma uma mulher nalgum lugar próximo precisando do auxílio que os conhecimentos da protagonista podem proporcionar, dando ao conto toda uma aura de fantástico. Importante mencionar que em outro dos contos do livro, “Mandiocal”, protagonizado por Maria, uma mulher oprimida pelo marido Lourival, há descrições de cenas violentas de abuso doméstico que chegam mesmo a provocar o aborto de dois fetos gestados por Maria. Num desses casos, dirá a protagonista deste outro conto, “só não morri porque a curiosa apareceu para ajudar” (Tort, 2021, p. 69). Apesar de não constar de modo explícito, é seguro afirmar que se trata da heroína de “Santíssima”, surgida sem ser chamada, corroborando não só a unidade do livro, já defendida, mas também esse aspecto insólito de sua presença e da maneira como se desloca e atua em Buriti Pequeno e arredores.

Outro elemento de destaque é que o texto é intercalado com preces: ao final de cada parágrafo, surgirá um texto que pode ser visto como poético, mas que destaca o sincretismo tipicamente brasileiro e faz aumentar o elemento da fé, tão relevante para este conto. Diante desse contexto, cabe a pergunta: *o que é o fantástico?* Claro, nosso primeiro reflexo é verificar a clássica definição fornecida por Tzvetan Todorov:

Este [o fantástico] exige que três condições sejam preenchidas. Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-

se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita (Todorov, 2017, p. 38-39).

Ocorre que, em “Santíssima”, onde certamente o segundo elemento não está presente (afinal, a protagonista não parece hesitar em considerar como real aquilo que é apresentado como sobrenatural, como a quentura), os outros dois elementos tampouco parecem estar explícitos. É que nós, leitores, em especial leitores brasileiros, estamos habituados com esse aspecto sincrético que é apresentado no texto, e é possível considerar que todo o elemento sobrenatural nada mais é que um aspecto linguístico, um falar-como, que tem como referente as práticas culturais envolvendo as mulheres, a gestação e os cuidados medicinais tradicionais, escapando, portanto, dessa hesitação entre sobrenatural e natural. E de fato: no texto, o que seria um elemento fantástico meramente está ali, despontado, não é algo definidor da trama, e certamente não é o fim, o objetivo dela. Precisamos, então, de outra possibilidade de definição do fantástico – tentemos, agora, a perspectiva também já clássica de Alejo Carpentier.

Em seu famoso prefácio ao romance *El reino de este mundo*, o autor articula o chamado realismo maravilhoso. Contrapondo-o principalmente ao surrealismo europeu, feito de imagens falsas baseadas em uma cosmogonia já definida, todas desprovidas de crença, Carpentier é categórico: “Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé” (Carpentier, 2008, p. 6, tradução nossa). Em síntese, o autor cubano defendia que, enquanto na literatura de tradição europeia o realismo era uma criação, na América, esse aspecto maravilhoso era encontrado em cada momento – como se fizesse parte do cotidiano, suspendendo, então, esse aspecto de hesitação, tão fundamental para Todorov.

Com essa definição, parecemos nos aproximar mais do modo *en passant* com que Paulliny Tort apresenta os elementos insólitos do conto “Santíssima”. Entretanto, é preciso se aproximar da definição de Carpentier com cautela, porque, segundo Horst Rogmann (2016), há um severo problema com o realismo maravilhoso. Comentando o trabalho de Carpentier e de Miguel Ángel Asturias, outro romancista que busca cunhar um certo tipo de realismo mágico, Rogmann afirma:

Pois o atrativo e o perigoso do realismo mágico-maravilhoso é seu afã de apresentar a realidade latino-americana ou aspectos fundamentais dela como algo mágico e maravilhoso, é não se limitar a realidades

literárias, mas declarar que estas refletem ou reproduzem uma realidade caracteristicamente americana. Resumindo as conhecidas explicações de Asturias e Carpentier deve-se constatar: o mágico e o maravilhoso são fenômenos dignos de uma valorização positiva; estão ligados estreitamente aos indígenas e negros, ou seja: se tratam de fenômenos raciais; a visão a partir da qual são apresentadas é racista. O ponto de referência da singularidade mágico-maravilhosa é a Europa; ou seja, se a especialidade do mundo e da cultura americana se caracteriza pelo maravilhoso indígena e africano, essa caracterização é de uma autenticidade emprestada, porque se mede em comparação com os modelos europeus – existe só porque existe a contrapartida europeia (Rogmann, 2016, p. 633, tradução nossa).

Não cabe aqui dissertar sobre a validade ou não dos contundentes argumentos de Rogmann, mas o ponto de vista deste crítico de Carpentier acende um alerta: corremos o perigo de, no conto de Tort, tratar como fantástico algo que só o é sob uma perspectiva já permeada de um juízo de valor acerca do que é periférico e do que é central; do que é progresso ou do que é ultrapassado. Isto é, conforme a leitura que estamos propondo de “Santíssima”, o mero fato de se cogitar haver ali elementos do fantástico já pode acusar que há, que pode haver, no leitor brasileiro, um estranhamento direcionado aos saberes tradicionais, à medicina tradicional, ao ofício de parteiras e à vida rural desprendida do modo como a usa o agronegócio. Noutras palavras, seria um exercício parecido com aquele de ver, como viu Carpentier (segundo Rogmann), um exotismo em algo que só o é sob um enfoque, por exemplo, europeu.

Não precisamos, entretanto, descartar por inteiro o realismo maravilhoso do autor cubano. Mesmo Rogmann reconhece uma descoberta valiosa feita pelos escritores do realismo mágico: terem se apoderado para fins literários “... da imaginação popular: um pensamento pré-lógico, pré-científico, e seus produtos, os mitos” (Rogmann, 2016, p. 633, tradução nossa). É precisamente ao operar esse efeito de retomada do conhecimento pré-científico, exaltando a medicina tradicional não em detrimento, mas em paralelo à medicina urbana, aquela dos “homens de branco, essas entidades que o povo respeita e adula” (Tort, 2021, p. 48), que Tort irá catalisar a tônica crítica ao agronegócio, representante forte de uma hegemonia do capital e do hemisfério norte em detrimento ao Sul Global.

É aí que a narrativa construída por Tort se eleva; é aí que as dicotomias que trouxemos no início do texto surgem e demonstram como *Erva Brava* é, também, um exemplo de um poder-ser do discurso latino-americano. Criando uma cidade fictícia, mas que muito se assemelha à realidade neocolonial do Brasil contemporâneo, a autora retrata personagens de baixo, sim, personagens marginalizadas, sim, mas não subalternas, ao menos não no caso da protagonista de “Santíssima”. Sobre o tema, recorreremos

a Silviano Santiago: “No momento exato em que se abandona o domínio restrito do colonialismo econômico, compreendemos que muitas vezes é necessário inverter os valores que definem os grupos em oposição e, talvez, questionar o próprio conceito de superioridade” (Santiago, 2000, p. 10).

Aí está o trunfo de Tort: enxerga que só por ditames econômicos é que as hegemonias (do agro, do homem, do jaleco) se sustentam, e joga luz por sobre outras possibilidades, outras perspectivas, outros jeitos de viver. Ao fazê-lo, ilustra em forma de prosa o que havia sido teorizado por Santiago:

A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. (...) quando a palavra de ordem é dada pelos tecnocratas, o desequilíbrio é científico, pré-fabricado; a inferioridade é controlada pelas mãos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito (Santiago, 2000, p. 14-15).

Em síntese, a leitura que fazemos de “Santíssima” é que Tort, num livro com unidade, que questiona diversas hegemonias, em especial aquela perpetrada pelo agronegócio, representativa de tantas outras já citadas, ao fazer uso de um elemento narrativo, que é o fantástico, nos permite fazer a seguinte pergunta: fantástico para quem? Aliás, a visão assustadora que algumas personagens têm da protagonista, a associação que é feita dela ao diabo, tudo isso é alinhado com a noção popular que se tem de bruxas, que tão comumente eram só pessoas dotadas de conhecimentos diferentes, ou esquecidos. Talvez a melhor definição do fantástico, para os fins de verificá-lo em “Santíssima”, seja a de David Roas (2014), que compreende ser o gênero uma consequência da expectativa do real que tem o leitor:

Os autores do século XX (e do XXI), uma vez substituída a ideia de um nível absoluto de realidade por uma visão dela como construção sociocultural, escrevem narrativas fantásticas para desmentir os esquemas de interpretação da realidade e do eu (...) Desse modo, a experiência coletiva da realidade mediatiza a resposta do leitor: percebemos a presença do impossível como uma transgressão do nosso horizonte de expectativas em relação ao real (...) Torna-se evidente, então, que a narrativa fantástica se sustenta sobre a problematização dessa visão convencional, arbitrária e compartilhada do real (Roas, 2014, p. 92-93).

Noutras palavras, o conto ilustra como as pessoas podem pôr o véu de legitimidade por sobre tão somente alguns discursos: o do progresso, o da ciência, o do homem. Longe

de nós querer atribuir à autora uma tentativa de depor esses discursos, de retirar deles toda a validade, tampouco nós queremos fazer tal trabalho de rebaixá-los; tudo o que buscamos dizer é que, com esmero narrativo, com elementos de fantástico, “Santíssima” ilustra possibilidades outras e nos relembra, em tempos de neocolonialismo (ainda), que é possível ver diferente. Estabelecida a leitura que fazemos do aspecto fantástico do conto, e suas reverberações; traçados os elementos principais no que tange como surge no livro o agronegócio em contraponto à vida rural, dicotomia principal do texto; nos aprofundaremos na dicotomia da medicina tradicional face à medicina que viemos chamando de moderna, e na dicotomia homem e mulher.

### **3. Saberes tradicionais e medicina tradicional**

Convivem, portanto, nas narrativas de Paulliny Tort, grupos que buscam a expansão do capital através da exploração do agronegócio e comunidades anteriores que tentam sobreviver ao atropelamento desse pensamento hegemônico. Contexto esse que é mimese da realidade do interior brasileiro, como intencionou a autora, e explicita o embate entre visar a modernidade e apegar-se à tradição, mobilizando discussões sobre cultura, métodos e origem, sendo estas as reflexões que objetivamos neste momento.

A protagonista do conto, uma parteira tradicional, que ocupa seus dias com cuidados da terra e das mulheres, representa o que há de mais brasileiro: o amálgama entre culturas diaspóricas e originárias a serviço da humanidade. Tão forte é o apego a essa cultura, que os métodos a que recorre a parteira não podem ser desassociados de um saber epistemológico, que dentre outras coisas postula a manipulação de ervas e a prática das rezas e das crendices.

O valor desses conhecimentos epistemológicos deve ser mensurado pela riqueza da própria cultura local. “Deus me deu o conhecimento, a clareza para fazer pelas comadres o que ninguém faz. Ainda que me falte instrução e que a inteligência para os livros me seja curta, quase nenhuma, há coisas que sei” (Tort, 2021, p. 46), explica a parteira sobre a importância do conhecimento adquirido através de experiências de vida e com as práticas que exerce, indo ao encontro de uma medicina institucionalizada e positivista. Continua: “Há coisas que sei muito bem. O jeito com que se achega ao mato para catar erva-de-são-jão, catinga-de-mulata, folha de algodoeiro, isso eu sei” (Tort, 2021, p. 46), e menciona plantas que atuam como remédios para depressão, ciclo menstrual desregulado, sintomas intensos da tese pré-menstrual e baixa produção de leite. Por serem conhecimentos adquiridos e repassados por gerações de mulheres, não significa que seja

um saber menos científico, afinal, usar a lógica colonial, de procurar avaliar experiências locais a partir da comparação com experiências hoje tidas como hegemônicas é violentar ainda mais uma cultura que pena para resistir.

Isso se comprova com Lévi-Strauss, antropólogo que se ocupou em observar povos indígenas para desenvolver suas teses acerca das sociedades tidas como primitivas. Especialmente na obra *O pensamento selvagem* (1989), pontua que o pensamento mítico primitivo (no sentido não pejorativo) é uma forma válida e complexa de ver o mundo, não menos importante que o pensamento científico contemporâneo. Nesse sentido, entende que esse pensamento científico é mais objetivo e explícito que o pensamento mítico, o qual considera mais elementos na equação, e por isso é mais difundido. Ressalta-se que ao nomear como “pensamento primitivo”, não o faz com a intenção de subentender esse pensamento numa escala temporal, isso é, como uma etapa anterior ao pensamento científico como conhecemos hoje; é, contudo, um saber antigo que apresentava métodos investigativos relativos às suas possibilidades e que organizaram experiências tão relevantes quanto.

De toda forma, esses conhecimentos, antigos e hereditários, constituem uma rede de apoio às pessoas à margem da urbe e da estrutura de saúde que ela oferece a alguns, desde que estejam próximos dela e desde que vivam por sob a lógica. A nossa protagonista sabe disso: “Para todo o resto, elas têm os homens de branco, essas entidades que o povo respeita e adula mesmo que tantos deles estejam mais para doutores da mula da ruça” (Tort, 2021, p. 48). Pelo tanto que sabe, mulheres a ela recorrem quando a medicina moderna não as pode mais ajudar, já que é uma instituição como qualquer outra nos dias atuais, e responde a relações de poder, diferentemente da senhorinha da casinha de meia-água e chão batido, que responde apenas à Virgem Santíssima, que lhe dá a quentura para ajudar qualquer uma que precisar. Neste trecho, uma jovem precisa de ajuda para realizar um aborto, majoritariamente ilegal no contexto de publicação do livro, mas, onde as leis não se aplicam por descaso e invisibilidade (como visto na leitura de outros contos também), a parteira realiza o aborto com a ajuda das ervas necessárias. A partir dessa leitura, constata-se que o campo das práticas tradicionais não é o mesmo das práticas modernas, não disputam entre si, mas coexistem com funções sociais diferentes.

Dar a voz a uma parteira que conta a sua história (afinal, é o único conto em primeira pessoa), em uma obra cuja narrativa é marcada pela dicotomia do tradicional e do moderno, é retomar a ancestralidade de um ofício intimamente ligado à (re)produção de saberes e práticas medicinais, enquanto a tendência global é institucionalizar tanto o ofício, quanto a produção. Sem desconsiderar avanços no campo da saúde que promovem efetiva qualidade de vida, “Santíssima” nos ensina a considerar os saberes antigos que

cuidaram da sociedade por muito tempo, já que embate entre o que é tradicional e o que é moderno não deve resultar no estigma para com as práticas ancestrais. Mais ainda: a protagonista nos ensina a considerar a narrativa de quem (re)produz tais práticas e saberes, bem como respeitar a realidade particular daquelas que os usam pela comunidade, mesmo que, por vezes, seu trabalho seja incompreendido.

Para concluir sobre o embate entre a medicina moderna e a tradicional, cabe aqui pontuar que enquanto os saberes ancestrais de saúde sempre passaram, principalmente, entre mulheres, enquanto a medicina moderna surgiu centrada na participação masculina, bem como pautada no corpo do homem. A busca por uma ciência que abrace questões femininas é mais recente dentro da história da medicina. De acordo com Martins (2004), em *Visões do Feminino: A Medicina da Mulher nos Séculos XIX e XX*, é apenas a partir do século XIX que a ciência médica passa a considerar uma especificidade do corpo da mulher e acaba por fazer uso da sua diferença com o corpo masculino para reforçar estigmas discriminatórios, haja visto o desenvolvimento de estudos psiquiátricos reforçando doenças mentais como relacionadas ao órgão sexual feminino, como a histeria, mesmo quando não eram doenças, de fato. Sendo assim, a medicina científica era produzida por homens, a partir do corpo masculino, considerando e perpetrando relações de poder nas quais o homem é hegemônico. Por outro lado, a medicina tradicional, dentro da urbe, era praticada principalmente por mulheres, consistindo em saberes de cuidados domésticos acumulado entre gerações aprisionadas à função do maternar. Esses saberes, a serem analisados a seguir, tem suas raízes em observações do corpo, da natureza e, especialmente, de aspectos inerentes à mulher. Não obstante, a desqualificação desses saberes é reflexo a desvalorização do gênero cujo qual ele representa. A valorização do moderno perante o tradicional, verificada nas questões da medicina, portanto, simboliza outra dicotomia presente no conto: a do feminino e a do masculino.

#### **4. O saber das mulheres**

No conto, a oposição entre o moderno e o tradicional também se manifesta na personagem masculina que não aceita o poder que a parteira carrega por entender os mistérios que apenas o empirismo feminino (da mulher, e não da feminilidade) teve de elaborar. Rose Marie Muraro, relevante pesquisadora dos estudos feministas, na apresentação da edição mais recente do livro *O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum* (2020), manual de caça às bruxas usado na Inquisição, traça um parâmetro histórico da posição que o homem e a mulher ocuparam nos diferentes momentos da

sociedade. Em um momento em que predominava a cultura de coleta e caça aos pequenos animais, quando a força física não era não importante para a sobrevivência, as mulheres ocupavam um papel central na sociedade, sendo as produtoras do conhecimento acerca da natureza, já que comparavam os ciclos das plantas com os seus próprios. Nesse momento de total dependência dos elementos da terra, a mulher que até então se sabia como o único ser dotado de fertilidade equivalente à do solo, abençoada pelos deuses com o dom da procriação. Enquanto elas possuíam o “poder biológico”, elas buscaram construir um “poder cultural”, com a preparação de ritos iniciáticos (para suprir a falta de um marco social como é a menarca para a mulher) e desenvolvimento de tecnologias, apenas quando a força física passa a ser necessária uma supremacia masculina se instaura e toma força quando descobrem que o homem também participa do processo de reprodução da espécie. Nesse sentido, Muraro (2020) entende que foi atribuída ao homem a responsabilidade da expansão cultural, o que inclui manipulação de tecnologias que associamos ao progresso, enquanto às mulheres coube o ambiente doméstico e a função de parir mais trabalhadores do campo. Os mitos que surgem neste momento embasam o pensamento de um masculino dominante e o feminino dominado (ou, então, dominável), como é o caso da crença na mulher que desgraça o homem com a sua curiosidade (Adão e Eva), moldando pensamentos de classes dominantes até chegar nas classes submetidas.

A apresentação escrita por Muraro em um livro que serviu para o genocídio de mulheres é de suma importância considerando a forma como foi utilizado depois da sua publicação, no contexto da Inquisição. Sobre isso e partindo do viés marxista, Silvia Federici (2017) teoriza que o movimento da caça às bruxas, preconizado a partir do século XV até meados do século XVIII, é resultado, também, de uma questão de classe e de um pensamento capitalista ainda muito primitivo, mas insurgente, na era medieval. Na sua obra *Calibã e a Bruxa* (2017), a autora pontua que, sem exaltar ou negar um potencial magístico, as mulheres ditas como bruxas eram aquelas que entendiam e usavam elementos naturais e ritos que fugiam da crença católica dominante. De maneira consoante, Muraro (1991) defende que desde a antiguidade mulheres carregavam a função de curadoras e parteiras, em razão dos conhecimentos acumulados através das experiências que tinham com a terra e, posteriormente, dentro de casa. A pesquisadora explica: “Elas [as curadoras] eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolvem a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças” (Muraro, 2020, p. 14). Nesse sentido, explica Federici (2017), que tamanha importância social foi rapidamente reconhecida como ameaça aos poderes vigentes, já que essas mulheres eram capazes

de agregar outras mulheres entendedoras, pacientes e as/os interessadas/interessados nos saberes que acessibilizavam, contrapondo uma intenção de centralização de poderes e controle do corpo que surgiu na transição do feudalismo ao capitalismo.

Alicerçando a análise do conto “Santíssima”, com a história das mulheres em comunidades pequenas, cuja função desempenhada é de suma importância, como a de parir e de cuidar, é premente o paralelo entre a figuração da protagonista como uma mulher detentora de conhecimentos que por muito tempo são associados à uma categoria rigidamente perseguida pelo homem. A forma como a punição à mulher se dá partindo do pressuposto do progresso (um sistema econômico pautado no capital) promovido pelo homem (tanto o poder científico, o político e o poder religioso estavam nas mãos de homens), reflete no conto através da repressão que o masculino perpetua com a parteira: o marido vilão e os médicos charlatões.

Se por um lado os “doutores da mula da ruça” estão mais facilmente associados ao progresso social por serem os grandes operadores de um poder científico, como a medicina moderna, o marido de Vitória, uma das mulheres assistidas pela parteira e por sua avó, opera micropoderes pautados nos mesmos ideais que levaram à caça às bruxas: a misoginia pautada no medo da potência dos saberes femininos e da consequência de sua disseminação. No trecho já citado na segunda seção, presente na página 47 do livro, Paulliny descreve perfeitamente esse medo e a forma como lidaram com essas mulheres: com a violência. Não obstante, a menção ao diabo explicita as relações que foram traçadas pela Igreja Católica no período da inquisição, sendo mencionada em várias teses d’*O martelo das feiticeiras* (2020), mas que para os objetivos desta pesquisa, ressaltamos uma, a sexta:

6) Uma vez obtida a intimidade com o demônio, as feiticeiras são capazes de desencadear todos os males, especialmente a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, abortos, oferendas de crianças a Satanás, estrago das colheitas, doenças nos animais etc. (Muraro, 2020, p.16).

A protagonista, além de reforçar a relação de medo da força da mulher com a impotência do homem, também apresenta a rebeldia que o marido de Vitória teme. Ainda, menciona os abortos, um pecado para o Catolicismo, mas recorrente na realidade de parteiras de comunidades rurais. Como antes reforçado, é um paradoxo que quem ajuda a parir ajude a abortar, mas clarifica a consciência do ato se considerado que a lealdade da parteira está com a mulher, acima de qualquer outra pessoa. No conto, a parteira é

também católica, faz suas rezas com à mesma personagem que serviu para ditar modos femininos, a Virgem Maria, que também a aquece para exercer, com tanta dedicação, a função subversiva que é prezar pelas mulheres da comunidade.

Já em vias de conclusão, se considerarmos o que já foi dito sobre uma leitura fantástica no conto “Santíssima”, é de se pensar como o misticismo que envolve a parteira reflete conceitos socialmente construídos sobre mulheres detentoras de saberes “mágicos”. Se na literatura fantástica a bruxa pode ser tanto a vilã quanto a heroína, na obra, o mesmo acontece. Enquanto para o masculino hegemônico a protagonista é dada como infame, para as mulheres é o “único socorro no mato”. Para além de qualquer teorização feminista, é na realidade rural e solitária que a parteira-bruxa salva mulheres esquecidas ou afastadas pelo progresso capitalista com seus saberes herdados de sua avó e de muitas outras mulheres que preservaram a ancestralidade da sua existência.

## **5. Comentários finais**

O objetivo deste artigo foi propor uma leitura do conto “Santíssima” comparando oposições acerca da tradição e da modernidade. Isso é possível ao levar em conta a crescente do agronegócio no cenário da narrativa, o misticismo “exótico” da cultura latina/brasileira, a dicotomia entre a medicina tradicional e a moderna, bem como conceitos associados ao feminino e o masculino em contraposição.

Desta forma, iniciamos com a apresentação da obra de Paulliny Tort e da temática central do livro: a problemática da propagação de uma visão de mundo universal e pautada em sistemas econômicos, culturais e sociais que não representam as especificidades de uma comunidade, como é o caso da fictícia Buriti Pequeno e de tantos outros municípios brasileiros que se adaptam à globalização e a um pseudo progresso.

Então, seguindo a proposta do trabalho, colocamos em questão os aspectos fantásticos do conto e como a parteira é também representada como uma bruxa. Para isso, recorreremos à diferentes noções do que é fantástico, partindo de concepções canonizadas, como a teoria de Todorov, perpassando pelo que Carpentier defende como realismo maravilhoso para botar em xeque a perspectiva que coloca como digna de estranhamento uma cultura local. Sobre esse aspecto literário, concluímos que a discussão acerca do subtexto místico da protagonista está intimamente relacionada com a reavaliação desses discursos hegemônicos, propondo um perspectivismo rural brasileiro, o que inverte os valores da tradição, da natureza e do gênero. Para aprofundar no estudo da dicotomia entre a tradição e a modernidade acentuada na narrativa enquanto se considera esse

perspectivismo, elencamos duas questões que emergem da leitura: a medicina tradicional e a moderna, bem como a relação do homem e da mulher.

Sobre o primeiro tópico, consideramos como a protagonista se apoia em saberes tradicionais para a realização de uma medicina que em muito se difere da moderna, mas que não deixa de ser igualmente importante para a construção da civilização antiga e contemporânea. A apresentação da concretude e da importância do ofício de parteiras tradicionais, além de tudo, exemplifica o que antes foi levantado sobre mistificar de forma a descredibilizar uma cultura popular. No mais, ao dar voz a uma mulher cujo ofício é desvalorizado na cultura moderna, abala-se a noção de que o saber tradicional dessas mulheres não é científico, uma vez que a manipulação de elementos da natureza pode não atender os padrões da ciência moderna, mas parte de observações e experimentações acumulados durante gerações.

Ademais, concatenando o que se levanta sobre elementos fantásticos e práticas ancestrais, nos propomos a analisar a relação que a parteira tem com um saber que além de tradicional, é produzido e repassado por mulheres. A partir do que teoriza Muraro sobre o papel da mulher na história, verificamos que a parteira é também bruxa, não como arquétipo narrativo, mas como construção social. Aproximando o lugar de uma bruxa da antiguidade e o papel desempenhado pela protagonista na contemporaneidade, encerramos a proposta de leitura com a noção de que a instabilidade com que aparecem nas narrativas (literárias ou não) reflete um trato social que migra entre temores incutidos, sobretudo, em homens, como entre a necessidade desses conhecimentos por parte de mulheres, tanto quanto do resto da sociedade.

Por fim, concluímos, a partir da realização desta leitura do tradicional e do moderno na obra de Tort, mas em especial no conto “Santíssima”, que as relações dos poderes científicos, políticos, ecológicos e religiosos são tensionadas e na narrativa isso se mostra na função de questionar a hegemonia de conceitos difundidos pelos poderes vigentes e visualizar a possibilidade de alternativas viáveis.

## REFERÊNCIAS

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Barcelona: Seix Barral, 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sicorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. KRAEMER, Heinrich; SPRENGE, James. *O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

PODCASTPÁGINACINCO 122: *Mundo agro: popou morte?* Papo com Paulliny Tort. Entrevistada: Paulliny Tort. Entrevistadores: Rodrigo Casarin [S. l.]: UOL, mai. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/77xg2L18qesZmSJ2Vvox1g?si=0da9344886af4e4d>. Acesso em: 01 nov 2023.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROGMANN, Horst. “Realismo mágico” y “négritude” como construcciones ideológicas. In: *Actas del Sexto Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas celebrado en Toronto del 22 al 26 de agosto de 1977*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, p. 632-635, 2016. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcdv3j5> Acesso em: 01 nov. 2023.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Digital Source. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TORT, Paulliny. *Erva brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.

TORT, Paulliny. Paulliny Tort: ‘Procurei olhar para as transformações da região’. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01/09/2023. Seção Pensar. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/09/01/interna\\_pensar,1555126/paulliny-tort-procurei-olhar-para-as-transformacoes-da-regiao.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/09/01/interna_pensar,1555126/paulliny-tort-procurei-olhar-para-as-transformacoes-da-regiao.shtml). Acesso em: 30 out 2023.

